

Ebook - Como estimular a consciência social nas crianças?



Estratégias e atividades práticas para desenvolver empatia, compreensão e consciência social, cultivando futuros cidadãos conscientes e engajados

Consciência social: a habilidade que uma pessoa precisa ter para compreender o seu papel na sociedade em que vive, agindo com empatia e identificando as emoções do outro, respeitando diferenças, diversidades e pluralidades. Ter consciência social é o entendimento de que temos direitos e deveres, com noção de seus arredores e buscando as causas dos problemas sociais.

Essa busca reflete sobre a percepção de um indivíduo a respeito de seu papel em um contexto, podendo ser a escola, a família ou mesmo a comunidade onde mora. Quanto mais consciência desenvolvida, maior é a capacidade de se importar com questões que impactam não somente a si, mas à sociedade em geral.

No programa de desenvolvimento socioemocional Líder em Mim, a consciência social é um tópico explorado desde a Educação Infantil, baseando-se na concepção de que um mundo melhor e contando com repertório de práticas e princípios pedagógicos testados e comprovados. Mas por que começar tão cedo, desde as idades iniciais?

Edy Umada, Assessora Pedagógica de Líder em Mim, se baseia nos estudos do sociólogo francês Émile Durkheim (1858 – 1917), nos quais ele afirma: a consciência é a representação

das normas, práticas, código cultural e moral. Logo, quanto antes for iniciada a abordagem deste tópico, mais fácil e intuitiva será a aquisição dessas habilidades e da compreensão da criança de seu papel social. “A primeira infância é uma fase riquíssima para aprendizagem, e o que se aprende de fato nessa idade pode perdurar por toda a vida. São nos primeiros seis anos de vida que ocorrem o amadurecimento do cérebro, a aquisição dos movimentos, o desenvolvimento da capacidade de aprendizado, além da iniciação social e afetiva.” ela explica.

Por ser um tema complexo, e por vezes difícil de definir para crianças em idades iniciais, os materiais didáticos do Líder em Mim, voltados para crianças de 4 e 5 anos, são organizados para fortalecer a capacidade do estudante de alcançar vitórias pessoais e sociais. Como exemplos, Leo Gonçalves, assessor pedagógico, cita temas como: construir e manter relacionamentos, ter autoconsciência, mostrar coragem, valorizar as qualidades das outras pessoas, inspirar e trazer à tona o que os outros têm de melhor e resolver conflitos de forma criativa ao trabalhar em equipe.

Neste e-book, iremos abordar como essas atividades funcionam, e como estimular a consciência social em crianças desde a primeira infância, desenvolvendo estratégias e atividades para desenvolver habilidades que as tornam melhores cidadãos para o mundo.

Estratégias para trabalhar empatia e compreensão social

O estímulo à aprendizagem pode acontecer a qualquer momento se aplicadas as práticas apropriadas às idades. Porém, Edy explica que, se pretendemos estimular a aquisição da consciência social através de interações, reflexões e escolhas, a idade dos três anos é a mais adequada para começar, pois é quando as crianças já conseguem expressar-se através da fala.

Além disso, nesta idade elas ainda possuem uma sensibilidade muito aguçada. “Adultos controlam e modelam suas emoções. Para uma criança, tudo é vivido sempre com muita intensidade, e é preciso proporcionar situações nas quais possa pensar no outro e em seus sentimentos sem que ela própria esteja completamente envolvida na situação.” Logo, quando esses sentimentos novos são exercitados de diversas maneiras, os pequenos vão adquirindo um antecedente para os momentos futuros, conseguindo agir com empatia e compreensão.

Há diversas estratégias para que o desenvolvimento desse antecedente seja diário, como é necessário. Entre dinâmicas, jogos, brincadeiras e leituras, elas levam os participantes a se colocarem no lugar do outro, imaginar o que outras pessoas estão sentindo e buscar formas de ajudar, se importando de fato com o bem estar dos colegas e das pessoas ao redor. Essas oportunidades de interação constroem o sentimento de colaboração, requisito para que vivenciem a empatia.

Porém, quando as estratégias e sistemas não são bem pensados, alunos bons desperdiçam suas potências e não se engajam. Leo Gonçalves afirma que o contrário também se mostra verdadeiro em sala de aula: quando os sistemas são bons, até alunos que não demonstram interesse de primeira passam a responder e engajar. “Estamos falando de seres humanos, caracterizados pela imprevisibilidade, e que sempre nos surpreendem no processo educativo. Por isso, destacamos mais ainda a importância da clareza com relação às estratégias para esses ensinamentos.” explica.

Uma estratégia eficaz é que haja trabalho intencional com foco na construção de visão de si mesmo, do próprio aluno. No programa do Líder em Mim, essa visão é construída através da Declaração de Missão Pessoal, com a qual as crianças começam o processo de compreensão de o que é importante para elas, que tipo de pessoa querem ser no futuro. Para a construção dessa Declaração de Missão, o professor pede para as crianças pensarem em seus papéis sociais. Ampliando seu repertório sobre esses papéis, elas constroem uma melhor visão de si e compreendem que as escolhas que fazem ajudam a tornar real aquilo que desejam.

“A forma como estruturamos a atuação das crianças na rotina já é uma excelente oportunidade de aprendizado de empatia. O fato é que precisamos ter a intenção, em cada interação, de ensinar algo. Por exemplo, se ao distribuir um brinde para a turma em uma escola, um dos colegas faltou, você não deve simplesmente reservar o dele e entregar no dia seguinte. É preciso fazer uma provocação, dizendo: ‘Nossa, o amigo de vocês não está aqui hoje, ele não vai ter essa alegria’ e deixar que as crianças pensem no que poderá ser feito. Além disso, é ideal deixar que eles entreguem esse brinde para o colega no dia seguinte, para vivenciar a alegria do outro.” exemplifica Edy Umada. No próximo tópico, exploraremos exemplos práticos de atividades para que a exposição seja constante, e de forma variada.

Exemplos de atividades práticas

Estimular a participação das crianças em ações sociais, tanto no ambiente familiar, quanto na escola, é uma excelente prática. “Quando envolvemos as crianças em campanhas como a doação de alimentos, roupas, brinquedos, recolhimento de tampinhas plásticas, lacres de latas ou até mesmo coleta de óleo de cozinha, estamos promovendo a consciência social.

Isso porque, quando eles entendem que algumas pessoas podem ter menos privilégios, oportunidades ou recursos, e que estender a mão, dividir, socorrer são ações que podemos fazer para aliviar o sofrimento do outro, essas crianças estão iniciando um entendimento de que possuem um papel de atuação no meio em que vivem. Há um entendimento de que não se pode fechar os olhos para tudo que está à nossa volta, até porque o que isso também poderá afetá-la em algum ponto. A mesma concepção se aplica a campanhas de cuidado com o meio ambiente: o jovem que entende, se preocupa e atua nas campanhas tem a

percepção do seu papel de contribuição com o bem comum. “Não é o que vamos fazer, mas porque vamos fazer. Atitudes simples, possíveis no dia a dia, e que trazem profundos ensinamentos.” explica Edy.

Uma das atividades exemplificadas por Leo Gonçalves é a do coelho saltador, personagem dos materiais de Líder em Mim, da Turminha da Floresta, que foi criada para conduzir as aprendizagens das crianças. Essa brincadeira simples funciona da seguinte maneira: todos na sala devem colocar no coelhinho suas orelhas e boca, para refletirem que precisam ouvir as pessoas com atenção, com os olhos, ouvidos e com o coração. Depois, elas devem compor uma história em quadrinhos com os personagens da Turminha da Floresta sobre ouvir as pessoas com atenção.

Após essa atividade, o professor pode combinar um sinal escolhido pela turma, que lembre a todos de escutar com atenção. Esse sinal pode ser utilizado mesmo quando a turma estiver falando demasiadamente, desnecessariamente, durante as aulas ou atividades, e também em caso de conflitos.

Outro exemplo de atividade trazida por Leo é a criação de Papéis de Liderança do Estudante. Eles permitem que os estudantes sejam membros produtivos tanto da sala de aula quanto de suas famílias, e sintam o que significa ser responsável, conquistem o sucesso regularmente, assim experimentem sentir-se mais pertencentes. “Estudantes de escolas Líder em Mim recebem essa chance de serem líderes e exercerem papéis de liderança. Assim, vivenciam as competências de liderança e de consciência social trazida por essa nova responsabilidade.” explica.

Ele também sugere uma estratégia para implementação desses papéis: os professores devem estabelecer, logo no início dos trabalhos, as responsabilidades de cada estudante, a frequência do rodízio dos papéis e como será a seleção dos envolvidos. Quanto mais a turma se envolver no processo de estabelecimento dos papéis de liderança, mais comprometidos e empolgados eles se sentirão para desempenhar seus papéis. E dessa satisfação, vem o sentimento de pertencimento, o engajamento, e a influência nos relacionamentos. Tudo isso traz como resultado um aumento da consciência social e do entendimento do que há ao seu redor, já que eles experienciam todos os papéis pelo menos uma vez.

Diversidade, inclusão e questões sociais

É fundamental mostrar para a criança que as pessoas são diferentes, e que isso é normal e bom. Ações simples como explicar a diferença na alimentação das pessoas, ou até mesmo porque uma plantinha pode ficar dentro de casa e outra precisa do sol, já demonstram respeito pelas diferentes necessidades dos outros, e isso já é uma forma de introduzir a diversidade para os estudantes.

Do mesmo modo, quando se percebe uma pessoa falando com sotaque diferente, é interessante salientar com a criança sobre a beleza das diferentes formas de falar, e assim chamar a atenção para diversidades mais uma vez, sempre pontuando a positividade que há nisso. Edy afirma que, se a percepção das diferenças for algo corriqueiro para a criança, assim como a ideia de que há positividade nelas, ela jamais olhará para a diferença como algo estranho ou ruim. “A ideia é tornar comum na vida da criança observar diferenças em tudo ao seu redor e perceber que é normal, e muitas vezes, benéfico. São detalhes que passam despercebidos no dia a dia familiar, mas quando o filho é exposto a diferenças consistentes sem preparo, ele repudia, se assusta, ou mesmo agride como forma de defesa. Isso ocorre quando não há o hábito, na vida dela, de observar, entender, admirar e, principalmente, respeitar as diferenças.”

O ideal é não esperar que “um coleguinha novo chegue” para preparar e sensibilizar a turma para essa chegada; o acolhimento precisa ser uma rotina na escola desde sempre. É necessário criar práticas diárias que ensinem as crianças a receberem bem, com respeito e carinho, a todos no ambiente escolar e nos demais. Se isso já for uma rotina para eles, a qualquer momento que um colega novo chegar, por mais que tenha características diferentes, será bem aceito e acolhido. Seria muito mais complicado tentar fazer isso no momento da chegada desse colega, com uma fala, ou uma dinâmica que ressalta ainda mais essa nova pessoa e suas diferenças. A inclusão precisa ser um fator constante, tem que acontecer todo dia na vida da criança e ser uma característica da sala de aula.

Um ambiente forte e estruturado fala por si só, e por isso, quando um aluno novo chega em um ambiente acolhedor, ele experimentará a sensação de ser recebido e tratado com respeito e carinho. Uma vez observada certa dificuldade de atuar com respeito a diversidade, o ouvir e o dar voz são bastante importantes. É necessário conhecer esse aluno e entender as raízes de sua resistência e sua dificuldade com as diferenças. Só então é possível começar um trabalho de sensibilização para o entendimento da importância do respeito à diversidade.